

# Universidade, virtualidade, experiência

382

Em 1933, Walter Benjamin constatava a necessidade de uma radical confissão de honradez: a da eclosão de uma “nova barbárie” ou de uma “pobreza de experiência” que, não sendo particular ou privada, se estenderia a toda a humanidade.

Uma das respostas para essa pobreza estaria na galvanização ocultista, uma prótese conservadora, que procuraria suplementar a experiência “perdida” em miragens multifacetadas, em “além-mundos” de violenta codificação social – como evidenciado em nossa região pelo jovem Roberto Godofredo Arlt na crônica “Las ciencias ocultas en la ciudad de Buenos Aires” (1920), ou por João do Rio em *As religiões no Rio* (1904).

Uma alternativa materialista, que não a negando tentaria tornar essa pobreza ativa, para Benjamin, estaria em “introduzir um conceito novo e positivo de barbárie”, tão crítico e desiludido a respeito dos tempos correntes quanto fiel às suas condições. Essa barbárie abraçaria a técnica e as inovações tecnológicas como avatares de uma nova maneira de produção, mobilizando essa produção a serviço da luta ou do trabalho e, em todo caso, a serviço da transformação da realidade, e não da sua simples descrição.

Dessa maneira, para Benjamin, não se trataria de constatar a morte da civilização, do trabalho ou da experiência, e nem de escapar às torres de marfim da imaginação, mas de se apropriar da consciência da pobreza da experiência e das ferramentas da barbárie para “sobreviver à cultura”.

Os tempos de isolamento que ainda vivemos potencializaram um processo que se anunciava já na renovação tecnológica finissecular e que, com a explosão da virtualidade e do trabalho remoto, transformou o aparato burocrático e o espaço acadêmico de maneira radical e irreversível. Não ficamos pobres, porque sempre o fomos, mas agora confrontamos o desastre para projetá-lo e elaborá-lo como postagem. Nesse processo fomos abandonando todas as peças de um patrimônio secular em troca da moeda miúda do “atual”, para agora enfrentar o que está escancarado: a crise econômica como regra e o genocídio como forma corriqueira de gestão da morte – essa matéria-prima do capitalismo. Aulas remotas, eventos e publicações virtuais, testes online, somados às projeções dos perfis de acadêmicos, escritores e artistas nesses lugares de desejo que conhecemos como “redes sociais”, ou mesmo como “plataformas curriculares”, estão produzindo profundas mudanças na própria universidade como instituição.

383

Talvez a questão seja pensar se sobreviveremos, e como, à cultura do neoliberalismo cognitivo; talvez esse pensamento deva ponderar o signo da nossa pobreza concreta.

Cabe ainda falar da instituição universitária nestes tempos de uma nova barbárie? Qual o papel da virtualidade na transformação da universidade em fábrica de títulos e certificados? Qual o lugar do público na reconfiguração dos espaços simbólicos? Um contato equivale a um interlocutor? O pesquisador produz conhecimento ou simplesmente *papers*? É um formador de opinião ou um gerador de debates? Alguém lê *papers*? O trabalho e a experiência sobrevivem nos *papers*, nos *e-books*, nas *lives*, no Youtube, nos currículos virtuais? Quanto valem esse trabalho, essa experiência? Quanto passam a valer e quanto pesam? Por que alimentamos as máquinas que nos oprimem? Qual o nosso lugar numa máquina que equipara a filosofia e a teoria da conspiração, o chapéu de papel-alumínio e a máscara de proteção, a ciência e os “achismos” mais perversos?

Foi a partir dessas questões que nós, professoras e professores da linha de pesquisa “Estudos literários e culturais latino-americanos” (PPGLiT-UFSC), com apoio do Núcleo Onetti de Estudos Literários Latino-Americanos e do Núcleo de Estudos Literários e Culturais (NELIC), propusemos o Colóquio Virtual “Universidade, virtualidade, experiência”. Realizado entre os meses de julho e setembro de 2020, o evento consistiu numa série de encontros semanais, via web-conferência, que posteriormente foram editados e publicados no canal do *Youtube* da *Revista Landa*<sup>1</sup>.

O dossiê agora apresentado é mais um desdobramento do evento e dos debates que o acompanharam. Nele reunimos os textos de pesquisadoras e pesquisadores de diversas instituições de ensino, brasileiras e estrangeiras, que se dedicaram a pensar os desafios acima mencionados por meio da literatura, do cinema, do ensino, da filosofia, da política, em suma, por meio da linguagem e do corpo, em suas muitas inflexões críticas e criativas.

Esperamos que a memória do evento seja robustecida com mais este suplemento. Acrescido ao arquivo crítico do nosso presente, ele apresenta textos inéditos, ao mesmo tempo em que os restitui ao seu contexto primeiro de aparição, ou seja, como apresentações orais que buscaram intervir neste tempo de crise para o qual ainda faltam respostas (e isso vale inclusive para o texto de Byron Vélez Escallón: publicado anteriormente em outro periódico, é aqui republicado em versão mais próxima da oralidade e em sintonia com os demais trabalhos em questão).

Reforçar o arquivo, sabendo que a anamnese e o esquecimento são indissociáveis. Talvez esse gesto seja um dos mais exigentes, hoje, quando a memória do nosso trabalho sofre “apagões”, cortes e outros assédios que, bem sabemos, não se afastam do cálculo, isto é, das muitas formas da crise que é inerente à gestão neoliberal.

Apostamos aqui nesse gesto crítico e criativo – e desejamos que a ele sempre venha a se somar um outro, e outro mais.

Byron Vélez Escallón  
Artur de Vargas Giorgi

---

<sup>1</sup> Aqui: [https://www.youtube.com/channel/UCRWqU8wytQG\\_JZ\\_-KxkV46Q](https://www.youtube.com/channel/UCRWqU8wytQG_JZ_-KxkV46Q)